

# 3

## **O ENSINO DO INGLÊS POR MEIO DA MÚSICA VIA PROGRAMA RADIOFÔNICO**

### **THE TEACHING OF ENGLISH THROUGH MUSIC VIA RADIO BROADCASTING**

#### **Valdenildo dos Santos<sup>1</sup>**

Professor de Língua Inglesa do Programa de Letras, Instituto de Ciências da Educação (ICED); professor de semiótica no Centro de Formação Interdisciplinar (CFI); orientador da Pós-Graduação em Interciências e Jornalismo Científico da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA).

#### **RESUMO**

O ensino de inglês por meio de música via programa radiofônico é um projeto que teve início com uma série de programas desenvolvidos e veiculados pela Rádio Unesp FM de Bauru de 1997 à 1999, quando oficinas foram ministradas aos professores da rede pública de ensino de Bauru, Lençóis Paulista, Jaú, Marília e Araçatuba. O programa foi levado para a sala e experiências foram feitas com os alunos de radicalismo, jornalismo, relações públicas e tecnologia da informação da UNESP de Bauru em 2002. O referido programa inspirou a criação do projeto de Extensão homônimo em 2011, veiculado pela rádio Gurupatuba FM de Monte Alegre e Emissora Rural de Santarém. O programa radiofônico foi levado à sala de aula em

---

<sup>1</sup>lavstnas@hotmail.com

Monte Alegre, Oriximiná (2011), Alenquer (2012) no PARFOR, Plano Nacional de Formação dos professores da Educação, junto aos professores da rede pública de ensino de Santarém (2011). No primeiro semestre de 2012 o programa foi levado à sala de aula do curso de letras da Universidade Federal do Oeste do Pará e oficinas técnicas e pedagógicas estão sendo realizadas junto aos professores que ministram aulas de inglês no PARFOR. Este artigo, portanto, pretende descrever as experiências até aqui desenvolvidas em relação ao projeto bem como divulgar parcialmente os resultados até então adquiridos numa combinação de teorias com ênfase na abordagem Cross-cultural e semiótica.

**Palavras-chaves:** ensino; inglês, rádio, música, leitura crítica.

#### **ABSTRACT**

The teaching of English through music via radio broadcasting is a project that began with a series of programs developed and aired by Radio FM Unesp from 1997 to 1999 when workshops were offered to teachers from public schools in Bauru, Lençois Paulistas, Jau, Marília and Araçatuba. The program was taken to the classroom and experiences were made with the students of radialism, journalism, public relations and information technology at UNESP Bauru in 2002. The program inspired the creation of a project of extension namesake in 2011, aired by radio FM Gurupatuba from Monte Alegre and Rádio Rural de Santarém The radio program was brought to the classroom in Monte Alegre, Oriximiná (2011), Alenquer (2012) at NTPET, National Training Plan for Education teachers, with teachers from public schools in Santarém (2011). In the first half of 2012 the program was brought to the classroom in the course of Letras from the Federal University of Western Pará and technical and pedagogical workshops have been held with teachers who teach

English classes at PARFOR. This paper therefore aims to describe the experiences so far undertaken in relation to the project and disseminate the results hitherto partially acquired in a combination of theories with emphasis on a cross-cultural approach and semiotics.

**Key-words:** teaching; English; radio; critical reading.

## INTRODUÇÃO

A ideia de se usar o rádio na sala de aula surge a partir de experiência enquanto radialista desde 1982 e como professor desde 1983, quando lecionava inglês para as crianças do Instituto de Idiomas Campbell em Jaú, uma escola de um americano de *Kentucky*, *Joe Haddad*, apaixonado por *Emmylou Harris*<sup>2</sup>. Desde então, tenho atuado nestas duas vertentes, procurando mesclar comunicação e educação. Pensa-se, no entanto, que ambos têm a ver com a preservação e ampliação de saberes, a interação, como diz Marciel Consani, porque “visam, de um modo geral, a aprimorar as relações sociais” (2010, p. 9).

Dentre as perspectivas de abordagens desse veículo estão a análise crítica de seu conteúdo, enquanto englobado na mídia eletrônica ou digitalizada, e a produção de programas radiofônicos, buscando o envolvimento dos alunos. Neste trabalho opta-se por trazê-lo para a sala de aula como instrumento de motivação dos alunos, do ponto de vista de seu conteúdo, quanto ao seu uso voltado para o ensino de língua inglesa, por meio de textos musicalizados de forma descontraída e reflexiva. Não se pretende, neste momento, embora o programa focalize a música, explorar os efeitos e o poder da música sobre as pessoas, o que será tratado numa outra oportunidade, mas em se concentrar os estudos sobre a ideia de se produzir um programa de rádio para fins didáticos e pedagógicos, isto é, para servir ao mesmo tempo de objeto de estímulo para o aprendizado de línguas como para despertar o senso crítico, por meio não só da tradução de textos musicalizados, mas também de sua interpretação.

Nesta perspectiva, procura-se explicar os antecedentes manipuladores e ou motivadores da proposta, descrever algumas experiências de sua aplicação e o seu estágio atual a partir de resultados parciais adquiridos como base de reflexão e proposta de se continuarem as

<sup>2</sup> Cantora de música country Americana, famosa na década de 80.

pesquisas e experimentos junto aos professores da rede pública de ensino e, por extensão, os seus alunos no ensino médio e fundamental. Como públicos virtuais, consideram-se professores de inglês de escolas particulares e público em geral, alcançados pelo programa radiofônico que podem se interessar em aprimorar ou adquirir vocabulário, dicas gramaticais e de interpretação textual de forma reflexiva e descontraída. O projeto, em si, transformado em método de ensino de inglês, procura abarcar as habilidades tradicionais da língua bem como adicionar uma quinta habilidade, a saber, a leitura crítica do enunciado com vistas a se corrigir uma falta percebida de que ao se procurar ensinar inglês no ensino médio e fundamental, alguns dos colegas professores, fazem o que podem dentro de suas possibilidades, mas não exploram as leituras críticas, limitando-se à tradução de textos e exercícios gramaticais, uma vez que ensinar como falar a língua já é um grande desafio.

Entende-se, no entanto, que não é uma proposta salvadora que vai trazer de volta o sonho de que os alunos da escola pública terminem seu curso como falantes, dominadores da língua em questão, mas um elemento de apoio que pode, eventualmente, ser utilizado como material principal nas aulas de inglês que poderão ganhar um perfil mais emotivo, motivado e ampliado quanto à sua competência. Não resolverá, tampouco, a problemática da insegurança e falta de domínio de todas as habilidades da língua em questão, por parte dos colegas professores que concluíram a faculdade e que se prepararam para adentrar à sala de aula. Por que boa parte destes colegas não se sente competentes e seguros o bastante quanto ao domínio de todas as habilidades da língua em questão? Neste sentido, este trabalho pretende ainda provocar uma discussão e incentivar pesquisas que venham detectar onde estão falhando os cursos de letras na formação dos professores de inglês. Outra provocação reside na resposta a seguinte pergunta: por que os alunos do ensino médio e

fundamental, apesar de terem regularmente aulas de inglês, não falam (aprendem?) inglês nas escolas públicas em sua maioria? A título de hipótese, estes novos protagonistas do ensino de língua inglesa ou têm uma formação irregular, insuficiente ou acumulam a função de professor de inglês para completar sua carga horária para compensar seu salário, neste caso, pertencentes a outras áreas, como língua portuguesa, ou, pasmem, em Santarém, uma colega de matemática que teve que aceitar o pedido da diretora de sua escola para preencher a falta de professores da língua. Muitos professores de outras áreas por não pertencerem à disciplina naturalmente não a dominam, mas são forçados a completar sua carga horária por uma questão, até mesmo, de sobrevivência. Esta, contudo, é outra reflexão para trabalho futuro.

A base teórica para as reflexões aqui postas, além da própria prática pedagógica deste professor pesquisador e as experiências aqui descritas ao longo de aproximados trinta anos em sala de aula, sempre trabalhando com língua inglesa e em algumas circunstâncias com literatura e produção textual, no ensino médio, fundamental, cursinhos e no ensino superior, estão os trabalhos desenvolvidos por Ruth Spack, (2005) que propõe uma abordagem *Cross-Cultural* no ensino de língua inglesa, de Marciel Consani (2010) que sugere o uso do rádio em sala de aula, de Joanne Dresner (1992) sobre a adaptação de materiais orais para material escrito no desenvolvimento de planos de lições e de Algirdas Julien Greimas e seus seguidores para uma proposta de leitura crítica.

## **ENGLISH THROUGH MUSIC, O PROGRAMA RADIOFÔNICO E O PROJETO DE EXTENSÃO**

*English Through Music* é um projeto de extensão que trata do ensino de Língua Inglesa por meio de textos musicais via Rádio e teve início em setembro de 2011, com o propósito de alcançar os professores da rede pública

e particular de ensino de Santarém e de mais sete cidades que serão os novos campi da UFOPA, Universidade Federal do Oeste do Pará, a saber, Monte Alegre, Óbidos, Alenquer, Oriximiná, Juriti, Itaituba e Almerin.

Nestas cidades e em zonas rurais que estão localizadas em suas proximidades há um número grande de professores de Língua Inglesa que vem trabalhando como podem e não têm acesso às tecnologias, em sua maioria, nem tampouco a grande rede internacional (internet). Nos últimos anos, no entanto, foi distribuída às universidades públicas a tarefa de executar o PARFOR – o Plano Nacional de Formação de professores da Educação – uma tentativa do MEC, Ministério da Educação e Cultura, de legitimar a atuação destes docentes.

Dentre as instituições públicas destinadas a operarem a missão do MEC está a UFOPA e, é neste contexto que nasce o projeto de extensão em questão, que procura alcançar esses protagonistas da educação no ensino médio e fundamental e oferecer-lhes os programas de rádio, roteiros produzidos e versão eletrônica ou digitalizada, como material didático pedagógico de apoio ou como material principal a ser usado em sala de aula.

A visão de educação aqui sugerida, no entanto, não se baseia na legitimação, mas na tentativa de se explorar o repertório cultural do aluno, sua experiência de vida e promover, pelo seu fazer pragmático e cognitivo, o senso crítico. Como dizia *Sydney Harris* no livro de *Ruth Spack*: “*genuine education...is not inserting the stuffings of information into a person, but rather eliciting knowledge from him; it’s the drawing out of what is in the mind* (2005, p. 3). E isso é possível dependendo de como se utiliza o rádio na sala de aula.

## **O RÁDIO NA SALA DE AULA**

O rádio diante deste cenário continua sendo de fundamental importância para a difusão de informações, conhecimento e instrumento para a educação. Neste sentido, podemos citar o trabalho da BBC de

Londres que vem produzindo e veiculando uma série de programas que tratam do ensino de Língua Inglesa, dentre os quais podemos citar o *Catch the words* e *Pedagogical pop*. Em termos locais, há o projeto “O Rádio pela Educação”, veiculado pela Emissora Rural de Santarém, embora não trate do ensino de inglês, especificamente.

O rádio tem o seu fascínio e traz em si uma força que vai além do poder da televisão. Ao invés de fornecer a imagem, o Rádio tem o poder de fazer produzir imagens eidéticas que remetem ao vasto mundo da enunciação. O termo eidético tem sua raiz no grego *eidetikós* e diz respeito à essência das coisas e não à sua existência ou função, na esteira do filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938)<sup>3</sup>.

Ao vermos uma determinada imagem na televisão podemos analisá-la com o uso de uma teoria linguística ou do ponto de vista da comunicação, etc. A imagem produzida em nossas mentes, no entanto, diz respeito aos nossos *inner feelings*, aqueles sentimentos mais interiores que nos levam a apresentar estados de alma, como o próprio poder da música no comportamento das pessoas.

Além do fascínio e desse poder de provocar, fazer criar imagens nas mentes das pessoas, o rádio tem sido o companheiro de muitos adolescentes, o público alvo dos professores de inglês, em sua maioria. Não só os jovens, mas pessoas de todas as idades ouvem rádio por um motivo ou outro. Para se ter uma ideia de sua força, tomemos por exemplo, uma homenagem e crítica sutil ao veículo, pela banda *Queen* nos anos oitenta que foi um dos seus maiores sucessos, composto por *Roger Taylor*, com os vocais de *Freddy Mercury*, chamado *Radio Gaga*<sup>4</sup>. O nome da canção, mostrando o seu poder, acabou influenciando o nome de uma artista recente da indústria fonográfica, *Lady Gaga*.

3 Aurélio, 1986, p. 621.

4 Faixa 1 do álbum *The Works* gravada em 1983 e lançada em 1984, pela Elektra (Japão) numa composição de Roger Taylor com os vocais de Freddy Mercury, versão vinil.

A mensagem da canção traz a imagem do rádio como companheiro para as horas de solidão, o amigo das noites da adolescência, o elemento da informação em sua primeira estrofe: *I'd sit alone and watch your light/ My only friend through teenage nights/ And everything I had to know/ I heard it on my radio* (*The Works*, 1984, faixa 1).

Na segunda estrofe da música fala do rádio como aparelho que deu às pessoas as estrelas dos velhos tempos por meio da “Guerra dos Mundos”, numa alusão ao romance de ficção científica de Herbert George Wells (1898), que traz uma história sobre a invasão da terra por meio de marcianos inteligentes que, com um raio carbonizador e máquinas assassinas, feito caixas d’água sobre tripés, tem um determinado poder. O seriado radiofônico foi adaptado para o cinema várias vezes, tendo sua última versão em 2005, por *Steven Spielberg*, com *Tom Cruise* no papel principal e a participação de *Dakota Fanning* e *Justin Chatwin*, entre outros: “*You gave them all those old time stars/ Through wars of worlds -- invaded by Mars/ You made ‘em laugh -- you made ‘em cry/ You made us feel like we could fly*” (*The Works*, 1983, faixa 1). O rádio, do ponto de vista desse sujeito, fez as pessoas rirem, chorarem e sentirem-se como super-heróis aos quais é dado o poder até mesmo de voar.

Em sua próxima estrofe vem um alerta ao veículo para que não se transforme num barulho, num ruído de fundo musical, num pano de fundo para moços e moças indiferentes que reclamam a sua ausência: “*So don't become some background noise/ A backdrop for the girls and boys/ Who just don't know or just don't care And just complain when you're not there*” (*The Works*, 1984, faixa 1). Em seguida vem uma crítica sutil ao veículo ao dizer que o rádio teve seu tempo de glória. Em meio a essa crítica, o consolo, ao afirmar que sua melhor hora ainda está por vir: “*You had your time, you had the power/ You've yet to have your finest hour*” (*The Works*, 1984, faixa 1)

Na opinião desse narrador que se expressa em primeira pessoa do singular, o rádio só toca aquilo que é descartável, ou só fala, fala, sem nada dizer,

como o balbucio de uma criança que forma uma onomatopeia. Depois da crítica, uma pergunta como forma de provocar uma reação: o que há de novo? E, encerrando a estrofe, a declaração de amor, apesar de seu comportamento infantil: *“All we hear is Radio ka ka/Radio goo goo/Radio ga ga/All we hear is Radio ga ga/Radio blah blah/Radio what’s new?/Radio, someone still loves you!”* (*The Works*, 1984, faixa 1)

A crítica seguinte é à música que, do ponto de vista desse narrador textual, mudou muito com o passar dos anos, o que pode ser comprovado ao assistir aos shows e ao ver as estrelas no vídeo por horas a fio: *“We watch the shows -- we watch the stars- On videos for hours and hours/ We hardly need to use our ears/ How music changes through the years”* (*The Works*, 1984, faixa 1). Pelo alerta vemos que está decepcionado com o rádio, especialmente se atentarmos para o refrão da canção em que se repetem os atributos negativos do veículo. Sua visão, ao considerar a música na íntegra, no entanto, é positiva, conforme vemos nesta última estrofe, quando chama o rádio de velho amigo, de quem depende, na esperança de que nunca perca sua importância, quando se cansar de toda essa parafernália visual: *“Let’s hope you never leave old friend/ Like all good things on you we depend/ So stick around cos we might miss you / When we grow tired of all this visual/ You had your time you had the power/ You’ve yet to have your finest hour”* (*The Works*, 1984, faixa 1).

O objetivo aqui não é se fazer uma análise do texto em questão, o que será feito em artigo posterior quando procuraremos uma ecografia do tímico, mas apenas o utilizamos para ilustrar e descrever a importância do rádio mesmo nos dias atuais, no que se refere ao seu relacionamento com os ouvintes, onde encontramos-nos com os alunos das escolas de ensino médio e fundamental.

O que tudo isso tem a ver com a proposta de se ensinar inglês pelo Rádio? O Rádio é o veículo para difusão da música. Ele tem se estabelecido, na regra geral, principalmente em termos de sua atuação em Frequência

Modulada, como o principal objeto mágico da indústria fonográfica para vender o seu produto. A música, por sua vez, faz parte da vida das pessoas em geral, em especial, dos jovens que estudam em escolas públicas, no ensino médio e fundamental. O Rádio, deste ponto de vista, faz parte da vida desses jovens, porque reproduz a música que eles veem na novela ou filme que assistem no videoclipe preferido, na internet, etc.

Sem entrar na questão específica da força do Rádio em relação à Televisão, no que se refere ao seu poder de penetração, por operar também em Amplitude Modulada, o fato é que apesar de tocar o que se considera muito “lixo” e pouca coisa boa, como instrumento da indústria fonográfica internacional, o Rádio tem o poder, ao invés de fornecer a imagem, provocar imagens em seus ouvintes.

Somando-se a isso há o que podemos chamar de processo de identificação. Mesmo distante de suas estrelas, os jovens, de forma geral, trazem em seus celulares os áudios de suas canções preferidas e mesmo algumas imagens dos astros que as interpretam. Essa identificação leva a uma espécie de complementaridade. É como se preenchesse uma falta, funcionando como objeto patológico.

Pregam as Leis de Diretrizes Básicas da Educação que tempos que atualizar nossos currículos, trabalhar com a realidade de nossos alunos. Fala-se que o material pedagógico desenvolvido ou mesmo a prática em sala de aula não têm considerado a realidade dos alunos. Se as universidades trabalham no sentido de desenvolver pesquisas e na criação de projetos de extensão que venham contribuir com o ensino nas escolas públicas, um projeto desta natureza se justifica pela sua proposta, quando lança mão de elementos de identificação do alunado como o Rádio e, em seu seio, a música.

Marciel Consani defende o uso do Rádio na sala de aula como instrumento para a “produção e abordagem de conteúdos pedagógicos, entre outras razões, pela crença de que o potencial dialógico do rádio oferece muito mais possibilidades de trabalho que quaisquer estratégias de audição

em classe” (2010, p. 17-18). Ele sugere ainda que as escolas desenvolvam suas próprias produções radiofônicas, considerando-se a disponibilidade de tecnologia. Esse delírio tecnológico em que vivemos, todavia, ainda não chegou em sua plenitude em regiões longínquas do oeste do Pará. Isso não impede, portanto, que experiências com esse importante veículo de comunicação sejam feitas em qualquer parte.

Dentro deste contexto, descreve-se agora, o rádio em sala de aula, junto aos professores do PARFOR, Plano Nacional de Formação de professores da Educação, em Monte Alegre (2011) e em Oriximiná (2012), com os professores do curso de competência comunicativa do município de Santarém (2011) e com os alunos de letras (2012).

## **O RÁDIO NA SALA DE AULA EM MONTE ALEGRE**

Um dos principais problemas encontrados em sala de aula do PARFOR, em Monte Alegre, foi a falta de uma leitura crítica por parte dos alunos, acostumados a apenas traduzir o texto, quando conseguiam. Numa classe formada por 37 alunos, 3% tinham uma noção da língua inglesa e até conseguiam comunicar-se, mesmo que de forma rudimentar, isto é, com uma série de falhas de concordância, utilizando a gramática de forma inadequada ou informal. Do ponto de vista da sociolinguística o que importa é a frequência de uso, então, a competência comunicativa torna-se o centro das atenções. Porém, para atuais e futuros professores de inglês é necessário que se tenha, na pior das hipóteses, pelo menos um domínio básico da estrutura e funcionamento da língua e isto tem muito a ver com a gramática.

No entanto, 97% deles, apresentavam um conhecimento nem mesmo rudimentar da língua e explicavam que sua performance era fruto de uma passagem sofrível, enquanto alunos de inglês, que o foi há muitos anos atrás, em sua maioria, muitos deles dizendo que os professores que tiveram não sabiam inglês. Tive que começar do zero. 100%

deles ao se expressarem, apesar de apresentarem algumas ideias na habilidade produção de texto, mesmo em língua materna, caminho que percorriam antes de verter para o inglês, não apresentavam elementos de coesão e coerência do texto com argumentação plausível, salvo raras exceções.

Tais problemas trouxeram reflexões sobre a utilização do projeto *English Through Music* em sala de aula, com abordagem gramatical e do ponto de vista interpretativo, utilizando-se a semiótica como instrumental para a leitura crítica. A experiência foi gratificante e, ao final, foi aplicado um questionário para avaliação e testes escritos. Uma das perguntas do questionário era se utilizariam o programa em sala de aula e 100% deles responderam que sim. Isso não resolveu todos os problemas, mas foi o início de uma nova perspectiva de aprendizado de forma descontraída e reflexiva.

Num retorno, após o curso, foi desenvolvida uma oficina pedagógica para esses alunos, tendo o programa de rádio que trabalhou a canção *Love*, de *John Lennon*, transformado em lição. A base teórica para desenvolvimento das lições inspirou-se em Joanne Dresner ao afirmar que mesmo os professores habilitados ao adaptarem suas apresentações orais para tornar o conteúdo de suas lições mais compreensíveis acabam em perda ao produzirem textos escritos que são expostos aos seus alunos, explicando que “*written materials are oriented generally to native speakers of English*” (AMATO & SNOW, 1992, p. 164)<sup>5</sup>. É que os alunos de uma segunda língua, como o inglês para brasileiros, por exemplo, geralmente acham esses materiais difíceis demais sintática e semanticamente, sem falar na questão cultural. Essa afirmativa de Fresner, portanto, foi considerada na criação destas lições. O resultado foi melhor que simplesmente trabalhar somente o programa em sala

---

<sup>5</sup> Materiais escritos são geralmente orientados para falantes nativos do inglês. Tradução nossa da nota de introdução de Joanne Dresner para o artigo de Deborah J. Short, publicado no livro “*The Multicultural Classroom*”, de Patricia A. Richard Amato e Marguerite Ann Snow.

de aula, que serviu como ponto de partida para se explorar a letra da canção toda no tempo presente, em que se destacou a estrutura básica da língua, seu funcionamento e técnicas de leitura crítica. Ficou demonstrado que aqueles alunos precisavam daquela base para se pensar em passar para o próximo passo, sem queimar etapas.

## **O RÁDIO NA SALA DE AULA EM ORIXIMINÁ**

Os professores do PARFOR de Oriximiná, na regra geral, apresentaram grau de dificuldade em conversação, escrita, leitura, gramática e leitura crítica. Isso pôde ser constatado por meio de testes escritos e filmados no primeiro dia de aula que mostraram que numa classe composta por 43 professores/alunos, dois por cento apresentaram competência comunicativa ao serem entrevistados. Os demais, a maioria absoluta, apresentaram problemas de gramática, compreensão, fala, pronúncia, etc. Mais uma vez foi verificado que alguma etapa anterior foi “queimada”, porque já haviam tido língua inglesa I e II o que pressupõe que deveriam saber pelo menos o mínimo, como estrutura e funcionamento dos verbos em inglês.

Diante da realidade encontrada, foi apresentada a proposta de ensino por meio do programa radiofônico *English Through Music*, procurando-se trabalhar todas as habilidades da língua, com o acréscimo da leitura crítica. Além do projeto em questão, foram apresentados vídeos relativos a alguns aspectos da cultura indígena, como alimentação, visita de turistas na floresta, plantas medicinais e a problemática da extinção de algumas das tribos originárias da Amazônia. Estes vídeos foram trabalhados em sala de aula como pretexto para discussões mais aprofundadas em torno de material didático utilizado em sala de aula e de questões culturais.

Ao término da experiência pediu-se que respondessem cinco perguntas básicas que contrastavam o material pedagógico utilizado

anteriormente por eles em relação aquele ali apresentado para língua inglesa III e IV. As respostas foram unânimes de que esse tipo de material, a diversidade de vídeos e a abordagem da língua num todo, os exercícios e a prática metodológica propiciaram, segundo eles, maior interação e, mais uma vez, 100% usariam o método em sala de aula.

Dos 43 alunos registrados, 34 deles precisaram de atividades extras para atingir a média desejada, ao final. Foram propostas atividades de transcrição de programas radiofônicos, o que os auxiliaria a recuperar pontos gramaticais e interpretação de textos, além de adquirir e ampliar seu vocabulário. Após serem orientados, foram distribuídos programas aqueles que precisavam de nota de complemento, com a proposta de que quem quisesse melhorar a sua média final também poderia aceitar as transcrições, cujo valor da nota para cada trabalho seria de 0-1, que seria acrescentada à média final; 100% deles optaram por realizar as transcrições o que mostrou que gostaram do programa radiofônico e que queriam melhorar sua média. A prova concreta de que isso é verdadeiro foi o fato de muitos deles pedirem vários programas em *pen-drive* para uso em suas aulas de inglês e para fins de aprendizado.

## **O RÁDIO NA SALA DE AULA EM ALENQUER**

Os professores em Alenquer, em sua maioria esmagadora, apresentaram deficiências em todas as habilidades da língua e problemas sérios de sua aquisição e de sua competência comunicativa. Apesar disso, de um grupo de 39 professores alunos, cinco deles tinham um domínio razoável da língua. Destes cinco, apenas dois deles eram solidários aos demais, quando das atividades em que eram solicitados a coordenarem em grupos na sala de aula. Um sentimento de egocentrismo foi notado e nestes três alunos que “fecharam” uma espécie de pacto entre si em oposição a algumas propostas.

Apesar da resistência, pelos resultados obtidos e pelos dois questionários de sete respostas dissertativas que responderam, ficou demonstrado que gostaram, em geral, do método, achando-o inovador, interessante e reflexivo, pelas atividades de leitura crítica que foram realizadas. Do total de 39 professores alunos, 17 deles precisaram de atividades extras de transcrição de programas radiofônicos para atingir a média mínima necessária em língua V e 30 deles precisaram desenvolver as transcrições em língua VI como complemento de nota para seguir adiante.

O que se pôde constatar neste grupo em relação aos grupos trabalhados em Monte Alegre e Oriximiná é que todos eles apresentaram um traço em comum quanto ao horário das aulas e os acordos feitos anteriormente sobre as regras do jogo: Não conseguiam cumprir os acordos feitos, pois chegavam sempre atrasados e a aula já estava em andamento, o que os prejudicava, bem como aqueles que se esforçavam e eram pontuais. Esse é um problema sério em termos dessas regiões longínquas da Amazônia e deve-se a uma questão cultural. Uma característica que os difere, no entanto, é o fato de que boa parte deles não admitia serem reprovados e queriam a todo custo exigir notas suficientes para aprovação. Outra questão era a prática de cola, por conta das provas que eram feitas em sala de aula, pequenas o bastante para deixá-los “amontoados”; um enxergando a resposta do outro, apesar da insistência de que se posicionassem em ordem e fizessem a prova individualmente.

Estas experiências trazem algumas reflexões quanto aos próximos módulos do PARFOR e nos ensinam que se trata de um programa intenso, realizado em pouco tempo, em período que deveria ser as férias desses colegas, que cansados e sobrecarregados, somada à deficiência natural por conta dos professores que tiveram, do tempo que fazem que não têm contato nenhum com a língua, e que precisa ser repensado pelos seus destinadores sociais.

Aos sujeitos operadores dessa difícil missão, com salas de aulas inadequadas, não climatizadas, (sabe-se que o calor provoca a irritação e isso interfere no processo de aquisição da linguagem), restam sugestões como a produção de material pedagógico alternativo para aliviar o estresse e deixa-los propensos ao aprendizado da língua de forma reflexiva e descontraída. Além dessa produção, considerando-se a realidade cultural e necessidades locais, a criação de oficinas pedagógicas intercalares, isto é, pelo menos três delas durante o semestre para que o processo da aprendizagem seja continuado e menos cansativo, mas isto incorre num outro problema, porque a estrutura do curso não prevê verba para aulas de recuperação.

Como solução imediata estaria a sugestão, então, de aulas de recuperação gravadas e filmadas que seriam distribuídas pela administração local de cada cidade atendida, com exercícios que seriam feitos e retornados aos professores para correção, ou mesmo a veiculação destas aulas pelo Rádio, a fim de que possam acompanhá-las e responder aos exercícios de recuperação. Propostas aparte, um ponto é passivo: é preciso que os professores do PARFOR trabalhem juntos no sentido de conscientizar os professores/alunos de que é necessário mudar de atitude, como não defenderem um bairrismo cultural exagerado, eliminarem o “sossego”, o comodismo, ao não cumprir horários ou mesmo a manutenção da ética em relação a “cola”, que acaba contribuindo para que se tenha um “*feedback*” não verdadeiro de sua performance.

## **O RÁDIO NA SALA DE AULA EM SANTARÉM**

A experiência do projeto em Santarém foi realizada com os professores que já atuam na rede pública de ensino da cidade, por meio do projeto de extensão de capacitação e competência comunicativa, oferecido pela UFOPA no segundo semestre de 2011. Numa sala de 15 professores/alunos, a proposta inicial do projeto teve que ser repensada, por conta do grau de competência dos colegas. Deste

grupo, três deles apresentavam condições de fazerem leituras em inglês. As atividades de leitura e os seminários previstos, no entanto, tiveram que ser retirados, porque não faziam as leituras designadas para discussões mais profundas sobre teorias existentes que tratam do ensino de inglês bem como metodologias disponíveis atualmente.

Diante do quadro, o curso foi reformulado momento em que o projeto *English Through Music* foi apresentado ao grupo. Os resultados foram surpreendentes. Percebeu-se que alguns deles eram de outras áreas, como matemática, por exemplo, caso de uma professora que estava completando sua carga horária com o inglês. Dizia a colega: “Professor, eu sou sincera com eles. Chego na sala de aula e digo logo. Eu não sei inglês. O que eu sei são algumas palavras soltas e aqui estão elas”. O programa radiofônico encaixou como uma luva para essa colega. O programa foi transformado em lição, criando-se o material do aluno, com os exercícios em aberto e o material do professor, com os exercícios já respondidos. A colega o utilizou em sala de aula, comprou um reproduutor de *pen-drive* portátil, que já vem com a possibilidade de reprodução de som, minúsculo, mas bastante potente, e relatou entusiasmada a experiência em sala de aula: “Eles ficaram muito motivados e a aplicação foi um sucesso. Professor, eu quero mais programas. O senhor pode passar para o meu *pen drive*?”.

O programa de rádio que focalizou a música *Love* de *John Lennon* foi apresentado ao grupo ao qual foi pedido que comentasse a letra da canção. Os colegas professores, em sua maioria, diziam que a letra era simples, que não havia mais o que se falar a respeito. Ao se propor e fazer uma análise semiótica da letra da canção, todos, sem exceção, ficaram surpresos e passaram a ver os textos com outros olhos. Não é objetivo desse trabalho, apresentar aqui a análise semiótica dos textos trabalhados, mas descrever que, pela introdução, mesmo que

superficial da teoria foi possível perceber que o senso crítico do grupo e seu entusiasmo ficaram aguçados.

É por essas razões aqui relatadas e experiências descritas que se pensa, neste atual estágio, a transformação do programa em material didático-pedagógico, justamente para atender essa demanda particularizada no oeste do Pará. Estes problemas aqui detectados, no entanto, percorrem esse imenso Brasil e pesquisas precisam ser feitas e propostas apresentadas para que se achem as soluções. Esse grupo de professores/alunos deveria ser diferenciado, porque a maioria deles já tem formação acadêmica em inglês. Daí a sugestão de que se façam pesquisas junto aos alunos do ensino médio e fundamental e junto aos professores de inglês que acabaram de se graduar para detectarmos onde estão as falhas para uma formação incompleta e deficiente que traz insegurança aos colegas para adentrarem à sala de aula e prejuízos aos seus interlocutores discursivos, seus alunos. Deste ponto de vista ficam as perguntas a serem investigadas: por que os alunos de ensino médio e fundamental, apesar de terem aula de inglês regularmente, como outra disciplina qualquer, semanalmente, não aprendem (falam) inglês? Por que boa parte dos professores recém-formados se sentem inseguros para adentrar à sala de aula e não dominam a língua em todas as suas amplitudes?

Além desses grupos pesquisados, experiências estão sendo feitas com os alunos de inglês do curso de Letras e, neste momento, alguns desses alunos estão sendo envolvidos no processo de transformação dos referidos programas já veiculados em lições pedagógicas. O próximo passo serão oficinas técnicas de orientação de uso de tais materiais em sala de aula aos professores da rede pública de ensino que se interessarem pelo projeto. Nos programas veiculados pede-se que os interessados solicitem os programas radiofônicos via *e-mail* para serem usados em sala de aula como material de apoio pedagógico-

gico. Uma vez solicitados, os roteiros de programas são enviados aos solicitantes que são instruídos a participarem de oficinas de orientação técnica que mostram formas de serem utilizados em sala de aula. Desta forma, cumpre-se a proposta da universidade pública de atuar no tripé ensino, pesquisa e extensão, embora o projeto, *per si*, já apresente essa característica de extensão por ter como termo englobado um programa de rádio.

## CONCLUSÃO

Apresentou-se, neste trabalho, a possibilidade de uso do programa radiofônico em sala de aula como instrumento de apoio pedagógico ou como material principal a ser usado pelos professores da rede pública de ensino da região de Santarém. Dentro desta proposta de um projeto de extensão que trata do ensino de inglês por meio de textos musicalizados via rádio, está o programa *English Through Music*. Para tanto, buscou-se relatar experiências desenvolvidas por este professor pesquisador, desde a origem do projeto até o momento atual, por meio de sua aplicação junto aos professores/alunos do PARFOR, Plano Nacional de Formação de professores em Educação, no oeste do Pará, professores de inglês da rede municipal de ensino de Santarém e alunos do curso de Letras da UFOPA, Universidade Federal do Oeste do Pará.

Após a aplicação parcial do projeto em andamento, conclui-se que os resultados descritos no corpo do trabalho bem como sua justificativa e fundamentação teórica são positivos o que estimula pesquisas que procuram detectar o motivo pelo qual alunos do ensino médio e fundamental não aprendem (falam) inglês ao terminarem essa fase de seu processo educativo em suas aulas regulares bem como os professores recém-formados não se sentem seguros para adentrar à sala de aula quando se fala no domínio da língua em todas as suas habilidades.

Em termos genéricos há de se entender que traços culturais pre-

cisam ser repensados porque apresentam posturas pedagógicas acomodadas e que novas alternativas de ensino e estratégias de motivação precisam ser pensadas como forma de acompanhar os tempos presentes em que se vive um delírio tecnológico e trazer um aprendizado eficaz da língua em questão. Neste contexto, o programa radiofônico *English Through Music* surge não como o salvador, mas como uma proposta que se trabalhada com responsabilidade e dedicação pode contribuir para uma melhora no ensino público e com a educação em seu sentido mais amplo, aquele em que se transformam objetos em sujeitos pensantes, críticos, capazes de transformar o meio em que vivem. Neste contexto, a leitura crítica, por meio da semiótica greimasiana, mesmo no nível de superfície, sendo aplicada, pode funcionar como instrumento importante para não só a aquisição desta importante segunda língua, mas também para reflexões mais profundas sobre sua própria importância no contexto universal e localizado.

## REFERÊNCIAS

CONSANI, M. *Como usar o Rádio na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2010.

GREIMAS, A. J., COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. Trad. São Paulo: Cultrix, 1973.

PORCHAT, M. E. *Manual de radiojornalismo Jovem Pan*. 3ª ed. Ática: São Paulo, 1993.

QUEEN, Radio Gaga, faixa 1 do álbum *The Works*, gravado em 1983 e lançado em 1984, pela Elektra (Japão) numa composição de Roger Taylor com os vocais de Freddy Mercury, versão vinil.

RICHARD-AMATO, P. & SNOW, M. A. *The Multicultural Class-*

*room. Readings for Content-Area Teachers.* California: Addison-Wesley Publishing Company, 1992.

SANTOS, V. Programa “*English By Music*”, *Love, By John Lennon*. Rádio Unesp FM, 1998, Bauru, São Paulo.

SPACK, R. GUIDELINES *A Cross Cultural Reading Writing Text*. New York: Cambridge University Press, 2005.